

APRESENTAÇÃO

A publicação da Revista Cultura Visual nº09, reflete a sedimentação da pesquisa em artes e das relações internacionais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA. Os 3º e 4º Colóquios Franco-Brasileiros de Estética foram desenvolvidos por professores deste programa e de diversas universidades baianas, destacando a UNIFACS, através do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano - PPDRU e do curso de Arquitetura e Urbanismo, em conjunto com a Universidade de Paris 8. Sintetizamos uma série de pesquisas referentes aos temas dos Colóquios. Muitos desses pesquisadores, sob a direção do professor François Soulages da Universidade de Paris 8, pertencem ao grupo internacional de pesquisa RETINA (*Recherches Esthétiques & Théorétiques des Images Nouvelles & Anciennes*). Participou também da organização desse número, bem como da coordenação do 4º Colóquio, a professora Ariadne Moraes Silva, do curso de arquitetura da UNIFACS, que ensinou também na FAUFBA, compartilhando comigo das atividades do Atelier II.

Essa publicação foi organizada em duas partes, cada uma correspondendo a um Colóquio. A primeira parte refere-se ao 3º Colóquio, que versou sobre o *Barroco & Interfaces*. O 4º Colóquio compõe a segunda parte com o tema *Artes Híbridas*, quase uma seqüência da primeira. Essa publicação praticamente forma os anais dos dois Colóquios, no entanto a Revista Cultural Visual tem a tradição de ter um caráter aberto para a publicação de artigos afins que sejam submetidos ao seu conselho editorial internacional, recebendo também trabalhos enviados do exterior.

Devemos agradecer ao empenho da Profa. Dra. Viga Gordilho, coordenadora do nosso programa, pela consolidação das pesquisas aqui publicadas, bem como à dedicação infatigável do Prof. François Soulages, liderança internacional na estética, nas artes das imagens, na fotografia e na arte contemporânea.

Abrimos a publicação com o artigo *Genealogia do Corpo Barroco Brasileiro*, do professor François Soulages, onde o autor afirma que o Barroco não chegou simplesmente ao Brasil, mas foi recriado, não se podendo mais pensar o Barroco sem a redefinição brasileira, nem pensarmos o Brasil sem sua dimensão essencialmente barroca. No nosso artigo sobre *O que é do Barroco, do Renascimento e é Contemporâneo*, procuramos mostrar relações entre o corpo e as imagens. Identificamos as diferenças entre o uso das linhas na pintura da renascença e a textura pictural do Barroco de forma tatilodérmica, como pulsões de agarramento, do estiramento e do peso presentes nas pinturas de diversas épocas.

Rodrigo Espinha Baeta, professor da UNIFACS, na sua apresentação sobre *Arte, Arquitetura e Cidade: A Gênese Romana do Barroco* – o mesmo identifica nesta fase, uma tectônica voltada mais para uma ampliação de barreiras que propriamente uma correta representação da natureza. Seria a cidade um suporte de sedução do transeunte que se desloca do seu ponto de vista para perceber as imagens pelos movimentos do corpo induzidos pelos “recursos retóricos dramáticos”, destacando a pulverização das obras renascentistas que não haviam ainda transformado o sentido medieval da cidade de Roma. Em contraposição, a urbanística barroca dirigida por Sisto V “costura” os movimentos através de largas avenidas, onde o uso da dimensão temporal tão peculiar do Barroco oferece aos peregrinos a possibilidade de acesso para uma visita de um dia.

Joaquim Viana Neto, neste momento finalizando o doutorado na Università Degli Studi di Roma “La Sapienza”, coordenou comigo o 3º Colóquio e realiza o artigo *Arquitetura e as Poéticas da Enunciação*. O autor, através da filosofia de Walter Benjamin, encontra uma estrutura para o

entendimento da arquitetura, além da imagem, a idéia e origem, a sua forma, a sua crítica e a sua história, conformando o seu teor lingüístico como prefiguração, pensando a arquitetura por palavras, metáforas e alegorias.

O professor André Lissonger, da UNIME, no seu texto - *Maquinaria Barroca: Aparelhos de Captura e Linhas de Fuga* - identifica que a urbanística Barroca se afasta do espaço estático perspectivista em busca de uma cidade como aparelhamento panóptico em conexões diversas entre monumentos e espaços, num mecanismo complexo que envolve a captura com persuasão de quem não somente enquadra, mas também semeia, rebatendo essa linha de pensamento para interpretar o modelo espontâneo da urbanização de Salvador no século XVIII, pluri-polarizada pela construção das paróquias.

A professora Graça Ramos em *A Luz do Barroco ao Contemporâneo*, observa a utilização da luz na pintura e na arquitetura de forma cronológica identificando-a como um "material". Tanto de forma natural, quanto através do uso artificial de focos de luzes notadamente através da vela no cenário de iluminação da pintura barroca, bem como no efeito da chama sobre os paramentos dourados das igrejas. Esses recursos plásticos foram também utilizados pelos impressionistas, inclusive por Picasso. A autora mostra exemplos de utilização da luz na arte contemporânea, em lumínica, ilustrando a utilização da luz em suas pesquisas e exposições internacionais.

A segunda parte da revista se refere ao 4º Colóquio Franco-Brasileiro de Estética, que teve como orientação de pesquisa as *Artes Híbridas*. O professor François Soulages desenvolve o tema sobre hibridação e co-criação (*Hybridation & Cocreation*), destacando como característica da hibridação a relação entre fotografia, literatura e linguagem.

Nosso artigo sobre *A Ruína e seus Símbolos*, procura revestir a ruína com um caráter epidérmico psicanalítico, refletindo um processo híbrido de compreensão fenomenológica na relação híbrida entre o corpo e o objeto através da participação das imagens inconscientes do corpo.

A professora da UNIFACS e mestranda pelo PPG-FAUFBA - Ariadne Moraes Silva - desenvolve o trabalho sobre *Processos Híbridos de Projetação em Arquitetura*, destacando a cidade como síntese de hibridações. Os processos híbridos de projeção permitem o trânsito de idéias pressupondo sistemas mais abstratos e abertos se contrapondo à visão positivista, cartesiana e funcionalista do período moderno. Nessa vertente, ela investiga a produção de alguns arquitetos contemporâneos e apresenta um método desenvolvido no Atelier II da FAUFBA, pela pedagogia da criação através da manipulação de modelos dinâmicos.

No artigo *Le Corps Hybride de Vanessa Beecroft* por Catherine Couanet, ela faz uma crítica a uma escultura viva, ou melhor, "três graças" contemporâneas onde os corpos são pessoas e as pessoas são os corpos; são o corpo e uma massa. Um múltiplo do outro, formas sensuais frígidas ao mesmo tempo refletindo uma economia de desejos ou, ainda, não-desejo. Esse híbrido, onde a fotografia interage com a escultura viva, o teatro e também com a literatura e a música, pode ser identificado numa partitura, num roteiro ou peça teatral.

Em *Poïétiques du Métissage, Art(iste)s Pluri/Inter/Multi/Poly/Disciplinaires*, Panayotis Papadimitropoulos, professor da Universidade d'Ioannina, na Grécia, analisa a questão que antecede a obra híbrida na relação com o autor - essa necessidade interior que o impele a combinar, juntar e misturar diferentes "médiuns", a fotografia, a pintura, o vídeo e a escrita, para chegar a um resultado bastante contestado, pois é mais difícil dominá-lo num conjunto que isolá-los, necessitando o artista do conhecimento geral e polivalente desafiando as práticas usuais e clássicas do belo e da harmonia.

Em *L'utopie des Arts Hybrides*, Marc Tamisier, da Universidade de Paris 8, generaliza que nunca existiu arte pura e a arte híbrida se impõe como a vida da arte, desde sua origem, dando

exemplos da colagem inaugurada por Picasso e Braque, passando pelo teatro de comédia em Rousseau.

O professor Cleomar Rocha, coordenador dos cursos de graduação e pós-graduação em Design de Comunicação Visual da UNIFACS, no artigo *Hibridismo e Arte Tecnológica*, faz uma correlação entre o hibridismo, a pós-modernidade e a arte tecnológica do processo, havendo a necessidade da completude, em tornar a ser, envolvendo o receptor que também cria, definindo parâmetros formais - “tempos que hibridam, o do autor que começa e do interator que finaliza e frui o trabalho”.

Marcos Nunes Rodrigues, doutorando pelo PPG-FAUFBA e professor do atelier II da FAUFBA, apresenta *Arquitetura da Cidade no Tempo das Mídias Digitais*. A arquitetura como saber coletivo, como arte de produzir a cidade, dando exemplos de hibridação através da arte mourisca em Portugal e em Niemeyer e o barroquismo, onde o cenário urbano torna-se fluxo de interações de imagens, fugindo da relação visual onde a câmera desloca o olhar do homem retirando o que vê do contexto. A síntese da imagem se torna irrealizável, a cidade foge ao entretenimento e perde suas frases.

Maurício Chagas, também doutorando pelo PPG-FAUFBA e professor do atelier II da FAUFBA, em *Arte e Arquitetura: Transitoriedade, Duração e Enxertos* desenvolve um artigo sobre a hibridação, a arquitetura e as artes como ligações transitórias na duração e na fugacidade, referindo-se à escultura de Richard Serra e a definição do lugar.

Margarita Lamêgho, professora do Instituto de Saúde da UFBA, realiza uma *performance* de pintura corporal apresentada no Museu Carlos Costa Pinto, durante o 4º Colóquio – Artes Híbridas – intitulada *O Corpo Humano e sua Imagem Representada*, criando a hibridação entre pintura, corpo e público como uma seção de “body art”, num processo híbrido, usando como interface viva a escultura e o movimento.

Esperamos que esse nono volume da *Cultura Visual* mantenha a qualidade tradicional da revista no meio artístico e acadêmico, atingindo centros de arte e de pesquisa em diversas partes do Brasil e do mundo, e que as pesquisas publicadas na mesma possam abrir novos horizontes e possibilidades, ficando o Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia aberto à contribuição de futuros comentários e críticas.

Agradecemos aos pesquisadores e aos participantes do 3º e 4º Colóquios Franco-Brasileiros marcando mais uma vez o laço de afinidade que existe tradicionalmente entre essa grande e inesgotável cultura e o Brasil.

Alberto Freire de Carvalho Olivieri